

Teoria ou Teorias da Comunicação

Sandra Reimão

Professora da Faculdade de Comunicação Social do
Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS) - São Bernardo do Campo,
São Paulo e Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

Teoria ou teorias da Comunicação ?

Gostaria aqui de tecer alguns comentários a respeito do próprio título da disciplina Teoria da Comunicação - o conjunto dessas 3 palavras: teoria, comunicação e a junção entre as duas estabelecida pela partícula de-a-da. E gostaria de enfocar também a questão do porque às vezes esse conjunto de palavras é utilizado no plural e outras no singular, no contexto universitário.

Começemos pelo vocábulo teoria. Como todos sabemos a palavra teoria tem origem no grego antigo. Segundo Bailly, no contexto grego a palavra teoria comportava duas significações : 1. Um sentido primeiro é o que indica a ação de observar , neste sentido, usa-se o termo para designar a ação de viajar para ver o mundo e para ver uma festa (daí poder designar a festa mesma, festa solene, pompa, espetáculo, imagem) ; 2. Um segundo sentido, que se estabelece por consequência desse primeiro, é o de deputação (das cidades da Grécia nas festas solenes de Olímpia, Delfos, etc.) e a função de deputado (teoro) enviado de uma cidade a outra nos momentos de festa solene.³

A palavra vai adquirindo novos sentidos a partir da idéia de observação, até configurar-se como contemplação espiritual, meditação, estudo. E esse será o sentido da palavra na filosofia moderna.

Abordando as concepções contemporâneas, Lalande assinala o vocábulo teoria como sendo uma construção especulativa do espírito que liga consequências a princípios e que pode ser caracterizada por cinco fatores : 1) por oposição à prática na ordem dos fatos, é objeto de um conhecimento desinteressado, independente de suas aplicações; 2) por oposição à prática na ordem normativa, aquilo que constituiria um direito puro ou um bem ideal; 3) por oposição ao conhecimento vulgar ; 4) por oposição ao conhecimento certo, é a construção de uma hipótese ou opinião (ex: "teoria cartesiana do

³ Bailly, A., *Abrégé du Dictionnaire Grec Français*, Paris, Hachette, 1978, pág. 419.

erro"); 5 por oposição ao detalhe da ciência, é uma larga síntese que se propõe a explicar um grande número de fatos.⁴

Retenhamos especialmente a primeira e a última característica listadas acima, dada a relevância que elas no âmbito dos estudos em comunicação, estudos esses cada vez mais infiltrados, por um lado, por posturas tecnicizantes e, por outro, por meras explicações pontuais sobre a eficácia de alguma prática que são vistas como "milagrosas" teorias da comunicação. É preciso distinguir a utilização do termo teoria em toda sua plenitude, em seu sentido estrito, de uma aplicação em sentido alargado ou aproximado, para que reservemos o uso da específico deste vocábulo apenas aquelas reflexões que tenham um âmbito e uma abrangência de razoável porte, ou que, pelo menos, tenhamos sempre consciência, ao utilizarmos esse vocábulo, se o uso está se dando em sentido *estrito* ou *lato* do termo.

(Quanto ao primeiro e ao segundo sentido lembremos que Aristóteles distinguia a teoria da práxis e da *poiesis*, sendo que a teoria teria necessariamente um caráter desinteressado (" quem procura o conhecer pelo conhecer ") e abrangente (" a ciência que é mais ciência, e esta é a do sumamente conhecível: e sumamente conhecíveis são os princípios e as causas: é pois por eles e a partir deles que conhecemos as outras coisas, e não eles por meio destas, que são subordinadas " ⁵) ; Por outro lado, práxis e poiesis seriam, para Aristóteles, distintas na medida em que na primeira teríamos um atividade que não produz nenhuma obra distinta do agente, enquanto na poiesis, ciência da produção, há a da realização de algo exterior ao agente.)

Em 1937 Horkheimer publica na revista do Instituto de Pesquisa Social o seu programático " Teoria Tradicional e Teoria Crítica ", texto em que defende a inseparabilidade do trabalho intelectual e do trabalho material, posiciona-se contra o caráter contemplativo da teoria tradicional e principalmente afirma o caráter interessado, vinculado, a responsabilidade social da ciência : "A atividade do teórico exprime o sujeito concreto que não só dá forma à teoria, mas também ao mundo real. Tomar posição na vida social, influenciar conscientemente se torna uma tarefa imanente da ciência".⁶

Neste texto, Horkheimer salienta a necessidade de se atribuir e iluminar sempre o próprio processo de compreensão e a compreensão dos fenômenos vinculando-os às forças sociais e históricas que os geraram : "Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de sentir, mas também a maneira como vêem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como esse se desenvolveu através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo; pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter

⁴ Lallande, Andre, *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, Paris, Puf, 1980, 13a. ed., págs. 1127 a 1129.

⁵ Aristóteles, " Metafísica " in Col. Os Pensadores, vol. s/numeração, SP., Ed. Abril Cultural, 1979, pág.14.

⁶ Horkheimer, Max, resumo final que acompanhou a primeira publicação da primeira versão do texto in *Zeitschrift für Sozialforschung*, Jahrgang VI, Paris, L. Felix Alcan, 1937, reprint DTV, março 1980, págs. 292 a 294.

histórico do órgão perceptivo. Nem um nem outro são meramente naturais (...)"⁷

A teoria tradicional é contemplativa e "picota", isola os fenômenos estudados, criando disciplinas e especializações e assim não consegue apreender o caráter histórico dos mesmos; a teoria crítica posiciona-se contra a atomização das disciplinas em setores, as meras técnicas de pesquisas parciais, o mero empirismo sem conceitualização que não abrangem a compreensão da sociedade como um todo e que acabam portanto sendo meros instrumentos do status quo, instrumentos da manutenção da ordem social dada.

Outra decorrência que se pode extrair da citação acima, é o caráter auto-reflexivo e auto-questionador da própria teoria crítica. Relacionando o caráter auto-questionador da teoria crítica com a afirmação do caráter comprometido e interessado da teoria crítica, Horkheimer sintetiza: A teoria crítica "não trabalha em vista de um sistema fixo, mas compreende a si mesmo como uma tentativa de aplicar o saber acumulado pelas teorias tradicionais, à marcha histórica do conjunto social, a fim de exercer uma ação em um sentido bem determinado."⁸

(O termo crítica tal qual como Horkheimer está utilizando neste texto é devedor de pelo menos duas configurações diversas que esse vocábulo adquiriu no decorrer da história da filosofia. Primeiramente, ressoa aqui a concepção kantiana de crítica que insiste, de um lado na circunscrição do âmbito do que pode ser conhecido (na Crítica da Razão Pura) denunciando as ilusões da metafísica que pretende conhecer além de toda experiência possível (o dogmatismo), e, de outro lado, insiste em analisar como, dentro daqueles limites, o conhecimento é possível. Ao criticismo kantiano Horkheimer acresce aspectos da historicização da razão efetuada por Hegel. Uma segunda configuração do termo crítica que ressoa aqui, com mais força ainda, é a concepção marxista do termo. É bom lembrar que o sub-título de O Capital é "Crítica da Economia Política", neste caso a crítica é ao mesmo tempo a maneira de se entender os mecanismos estruturantes do capitalismo, e o esclarecimento de seus limites históricos, as condições de sua superação. (O capitalismo não é visto como "natureza", ou seja como "eterno". Mas sim como um processo que tem sua gênese e sua destruição)

As diferentes configurações que o termo teoria adquire no contexto do saber e da ciência tradicional ou no âmbito do que Horkheimer denomina crítica são tão radicais que só elas já seriam suficiente para uma resposta em relação à questão inicial de que partimos, qual seja, quando buscamos nomear o conjunto dos saberes ligados a comunicação devemos utilizar o termo teoria da comunicação ou a expressão teorias da comunicação. A julgar pela rápida abordagem que fizemos do primeiro termo dessa expressão o caráter plural se impõe, mas, examinemos rapidamente agora o último termo da expressão - Comunicação.

⁷ Horkheimer, Max, "Teoria Tradicional e Teoria Crítica" in Benjamin/ Horkheimer/Adorno/ Habermas, Col. Os Pensadores, vol. XLVIII, SP, Ed. Abril, 1975, pag. 133.

⁸ idem nota 4.

Comunicação, como sabemos, é uma palavra de origem latina - *communicatio* - cuja raiz é *communis*. É um substantivo de ação que significa "tornar comum", "participar".

Em 1948, Harold Lasswell já descreveu essa ação como comportando cinco âmbitos : o comunicador ou controle (quem); o conteúdo ou mensagem (diz o que); o meio (em que canal); a audiência (para quem) e; as repercussões (com que efeito). Esses âmbitos delineiam também campos de estudos da comunicação : estudos sobre emissão, estudos sobre códigos e linguagens, estudos sobre tecnologias e novas mídias, estudos sobre audiência e estudos sobre conseqüências e condições de recepção.⁹

O esquema de Lasswell apresenta, no mínimo 2 problemas :

1) é unidirecional no sentido que vê a ação de comunicar indo apenas do comunicador para a audiência, e não vê que o processo é no mínimo circular, senão em cadeia, no sentido que o emissor também é "alimentado" pela audiência ;

2) omite questões relativas à intencionalidade e condições do emissor¹⁰

Apesar dos limites acima apontados, note-se que Lasswell entretanto não caiu em uma visão tecnicista, apologista do meio, que aplica o vocábulo comunicar apenas nos processos mediados por canais eletro-eletrônicos. Os autores que utilizam o termo comunicação apenas como sinônimo de comunicação de massa (atingindo amplas audiências e mediada por veículos tecnológicos) "entendem a comunicação como se fosse um advento ocorrido em conseqüência das grandes descobertas realizadas na área da comunicação e informação. (...) Têm, portanto, dificuldades para entender a comunicação com um *factum* essencial, inerente à convivência humana, condição *sine qua non* para a formação de toda a estrutura social."⁽¹¹⁾

Outro ponto que merece ser salientado na caracterização de Lasswell do processo de comunicação é o fato de não haver nenhum tipo de limitação conceitual no que se refere ao tipo de mensagem participada. Não se limita a ver processo de comunicação apenas quando há transmissão de informação como parece ser o caso dos adeptos da teoria da informação ou teoria matemática da comunicação.

Finalmente notemos que no esquema proposto por Lasswell não há também limitações no que se refere ao tipo de canal e código utilizado. Não caindo nas limitações que tendiam a existir nas primeiras sistematizações da semiótica que privilegiavam excessivamente a linguagem verbal.

Ao defendermos aqui a amplitude da utilização do termo comunicação tal como encontrada no esquema paradigmático proposto por Lasswell, acabamos por nos defrontar com três outras conceituações deste, as mais

⁹ Lasswell, Harold D., "A estrutura e a função da comunicação na sociedade" in Cohn, Gabriel (org.), *Comunicação e Indústria Cultural*, SP, Cia. Ed. Nac./ Edusp, 1971, págs. 105 a 117.

¹⁰ Há toda uma série de pesquisas sendo desenvolvidas nesse sentido. Ver, sobre o tema, Wolf, Mauro, *Teorias da Comunicação*, Portugal, Ed. Presená, 1972, 2a. ed., págs. 157 a 221.

¹¹ . Cardoso, O. de O., " Os paradigmas no ensino da comunicação : a transgressão epistemológica " in *Revista Comunicação e Sociedade*, número 17, São Bernardo do Campo, IMS, agosto 1991, pág. 12.

encontradas nos estudos de comunicação: comunicação como comunicação de massa, como transmissão de informação e como código verbal. Não nos assustemos, (já houve quem encontrasse mais de 50 significações para o vocábulo e listasse 40 disciplinas passíveis de estudar tais fenômenos ¹²), apenas sejamos precavidos e explicitemos sempre que possível e necessário em que sentido esse vocábulo está sendo utilizado.

Enfoquemos agora a preposição presente na expressão teorias da comunicação. Preposição, como qualquer manual de gramática nos ensina, é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal estabelecendo uma relação entre ambos. Esse aspecto morfológico da partícula da na expressão que estamos enfocando, salienta o caráter de subordinação do último termo (comunicação) ao primeiro (teoria), explicitando e espelhando o fato de as concepções que se tenha do que seja produzir saber e de qual o nosso objeto de estudo, enfocam e orientam a visão que se terá dos fenômenos da comunicação.

Concluindo lembremos que, no limite, para a teoria crítica, já o dissemos, a segmentação do saber em disciplinas e áreas pode conduzir à perda do caráter crítico pois pode omitir a compreensão da sociedade e ser mera pesquisa operacionalizante, pragmatista, administrada, que visa apenas a otimização do funcionamento e da perpetuação da ordem social estabelecida. Como antídoto ao risco da instrumentalização da pesquisa um horizonte interdisciplinar se impõe necessariamente.

¹² Ruesch, Jurgen, "Clinical Science and Communication" in Matson, Floyd W. e Montagu, Ashley (orgs.), The Human Dialogue, NY, The Free Press, 1967 apud Lima, Venício A., "Repensando a (s) teoria(s) da Comunicação : notas para um debate " in Melo, José M. (org.), Teoria e Pesquisa em Comunicação. Panorama Latino-Americano, SP, Cortez Ed./ Intercom, 1983.,pág.87.